

A polifonia de locutores no gênero ata: estratégia semântico-argumentativa

*Erivaldo Pereira do Nascimento**

Resumo

O presente trabalho expõe resultados de uma investigação que tem como objetivo descrever e expor o fenômeno da polifonia no gênero textual/discursivo ata. Neste trabalho, mostraremos a análise de vinte atas, das quais dez correspondem a textos produzidos por membros da seção objeto de relato e as outras dez são atas cujos locutores se apresentam como secretários. Para a investigação utilizamos como referencial teórico a Teoria da Argumentação na Língua, em especial os estudos a respeito da Polifonia, tal como proposto por Ducrot (1988) e Nascimento (2009), entre outros. A investigação é de natureza descritiva, embora quantifiquemos as estratégias mais frequentes. Percebemos a predominância da polifonia de locutores como o tipo de polifonia mais comum no gênero textual em estudo, dada a própria natureza da sua produção. Essa estratégia permitiu-nos perceber de que maneira o locutor responsável pelo texto vai introduzindo o relato de outros locutores e se posicionando a respeito do que está sendo relatado, ora se

engajando com o discurso de outros locutores, ora se distanciando.

Palavras-chave: Argumentação. Ata. Polifonia.

Introdução

As ações de linguagem que realizamos diariamente são sempre permeadas por intenções e argumentatividade. A argumentação está tão presente na interação humana que já está inscrita na própria estrutura da língua, como afirma Ducrot (1988). A partir desse pressuposto é que se pode afirmar que os diferentes gêneros textuais/discursivos, indepen-

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq.

dentemente do universo social em que estejam inseridos, são permeados pela argumentação.

Desconsiderando que a língua, assim como o uso que dela fazemos, é por natureza argumentativa, alguns manuais de redação oficial/comercial afirmam que os gêneros de textos produzidos nas esferas empresarial e oficial devem ser objetivos, e desconsideram as características semântico-argumentativas com que são tecidos os diferentes gêneros que circulam nessas esferas.

É com o objetivo de desmistificar essa concepção de objetividade que o projeto intitulado “Estudos Semântico-Argumentativos de Gêneros do Discurso: redação escolar e gêneros formulaicos (ESAGD)”, financiado com recursos do CNPq, descreve a estrutura semântico-argumentativa dos gêneros produzidos pelas esferas referidas.¹ Entre esses, encontra-se a ata, que é utilizada em diferentes instituições públicas e privadas para relatar reuniões, comissões, assembleias etc.

O presente trabalho expõe resultados de uma investigação que tem como objetivo descrever e expor o fenômeno da polifonia no gênero textual/discursivo ata. Os textos que compõem o *corpus* da investigação são vinte atas coletadas em instituições públicas e privadas ou, ainda, na internet. As dez primeiras atas analisadas correspondem a textos cujos locutores se apresentam como membros da seção objeto de relato. As demais são atas cujos locutores se denominam como secretários.

Para a investigação utilizamos como referencial teórico a Teoria da Argumentação na Língua, em especial os estudos a respeito da Polifonia, tal como proposta por Ducrot (1987, 1988), Bakhtin (2002 [1997]), Authier-Revuz (1988) e Nascimento (2005, 2009). Ainda necessitamos recorrer aos estudos da Modalização, principalmente aos postulados de Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993), Neves (2000) e Nascimento (2005, 2009).

Teoria da argumentação

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), proposta por Ducrot e colaboradores, tem como objetivo geral se opor à concepção tradicional do sentido. Na concepção tradicional, o sentido de um enunciado se distingue em três tipos de indicações: objetivas, subjetivas e intersubjetivas. As indicações objetivas expressam uma representação da realidade, as subjetivas consistem na atitude do locutor perante a realidade e as intersubjetivas se referem às relações do locutor com o seu público.

Ducrot (1988) não concorda com essa distinção e, em oposição a ela, apresenta sua Teoria da Argumentação da Língua. Para ele, a linguagem ordinária não possui uma parte objetiva nem os enunciados descrevem diretamente a realidade. Para o autor, se a linguagem ordinária descreve a realidade é por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos que Ducrot os une e dá a denominação de valor argumentativo dos enunciados.

O valor argumentativo de uma palavra é a orientação que ela dá ao discurso, já que o seu emprego torna possível ou impossível uma certa continuação discursiva. Em outras palavras “o valor argumentativo de uma palavra é o conjunto dessas possibilidades ou impossibilidades de continuação que seu emprego determina” (DUCROT, 1988, p. 51).

Em Ducrot, a palavra sentido significa, por um lado, significação e, por outro, direção. Para ele essa polissemia da palavra *sentido* é muito significativa, indicando que o sentido de uma palavra é, ao mesmo tempo, uma orientação no discurso, sendo essa a ideia que ele pretende expressar com a noção de valor argumentativo.

Ducrot (1988) aponta ainda a distinção entre frase e enunciado. O enunciado são as múltiplas realizações possíveis de uma frase. O enunciado é, portanto, uma realidade empírica, podendo ser observado. Já a frase é uma entidade teórica, que não pode ser observada. A língua é, portanto, um conjunto de frases, enquanto o discurso está constituído por uma sequência de enunciados.

A língua, de acordo com a TAL, fornece-nos diferentes palavras, estruturas e frases para que as utilizemos e que funcionam diferentemente, do ponto de vista argumentativo. Os estudos de Ducrot e seus colaboradores descrevem essas estratégias, entre as quais se encontram: os operadores argumentativos (palavras como **pouco**, **um pouco até**,

mas, **logo**, **inclusive** etc. que apontam a direção ou a forma argumentativa dos enunciados em que aparecem); os modalizadores (elementos linguísticos que imprimem subjetividade no enunciado em que aparecem, direcionando a sua leitura: **é certo que**, **é provável que**, **pode**, **deve**, **felizmente** etc.), os enunciados negativos, humorísticos e irônicos; a pressuposição (utilização de um conteúdo pressuposto (implícito linguístico) em um enunciado); e a polifonia (utilização de diferentes pontos de vistas ou vozes em um discurso).

Polifonia

O conceito de polifonia nos estudos de linguagem foi introduzido por Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, quando o estudioso postulou a existência de dois tipos de literaturas: a dogmática, de tipo monológica, e a carnavalesca, popular ou polifônica. Na última ele inclui a obra de Dostoiévski. Na literatura polifônica, diz o autor, “a personagem apresenta-se a si mesma e é agente do seu próprio discurso, estabelecendo um diálogo constante com o autor da obra” (BAKHTIN, 2002 [1997], p. 64).

Ducrot (1988) traz o conceito de polifonia para a Linguística, a fim de questionar a unicidade do sujeito falante, pretendendo provar que o enunciado – manifestação particular ou ocorrência *hic et nunc* de uma frase – pode ser perpassado por mais de uma voz. Em outras palavras, o que Ducrot afirma é que o autor do enunciado não se expressa

nunca diretamente, mas coloca em cena diferentes personagens linguísticos: enunciadores (pontos de vistas) ou até outros locutores.

Segundo Ducrot (1988), o sentido de um enunciado está associado, entre outras coisas, à noção de polifonia e é por essa razão que ele cria a Teoria Polifônica da Enunciação. O autor propõe com essa teoria que a origem da enunciação seja designada a um ou a vários sujeitos.

De acordo com o autor, na língua existem vários recursos linguísticos e fenômenos discursivos que permitem a estruturação de discursos polifônicos, dentre os quais a pressuposição, a paráfrase e a negação. Ducrot (1988) ainda propõe a existência de três funções diferentes para a enunciação: locutor (L), sujeito empírico (SE) e enunciador (E):

- o locutor (L) é quem se apresenta como responsável pelo enunciado, a quem são referidos o pronome *eu* e as marcas de primeira pessoa do enunciado;
- o sujeito empírico (SE) é aquele que se apresenta como o produtor do enunciado;
- os enunciadores (E) são os variados pontos de vista apresentados pelo locutor, em seu discurso, que assume determinadas posições em relação a esses enunciadores.

O estudioso identifica dois tipos de polifonia presentes nos enunciados: a polifonia de locutores e a de enunciadores. A primeira ocorre quando é possível identificar locutores distintos em um

único enunciado e a segunda, quando há mais de um enunciador (ou ponto de vista) no enunciado de um determinado locutor. Neste trabalho trataremos apenas da polifonia de locutores, em razão do nosso objeto de estudo.

- a) *Polifonia de locutores* - a polifonia de locutor é encontrada no discurso relatado, em que se pode observar a presença de pelo menos dois locutores distintos. De acordo com Ducrot (1987), nos enunciados que possuem esse tipo de estilo, há uma pluralidade de responsáveis.

Se considerarmos um enunciado do tipo “Aline me disse: Eu não vou sair hoje.”, observamos que o **me** atribui-se ao locutor responsável pelo enunciado como um todo (L1), e o **eu** é atribuído a outro locutor (L2- Aline), responsável pelo trecho relatado.

Ducrot (1987) afirma que o discurso relatado ocorre quando falamos com as mesmas palavras utilizadas pelo autor do discurso. Alguns recursos são usados para marcar o discurso relatado, como as aspas, travessão, verbos *dicendi*, dois pontos etc.

Segundo Bakhtin (2002 [1997]) a diferença entre o discurso relatado no estilo direto e no estilo indireto é de grau e orientação de análise, ou seja, no estilo direto a análise do discurso do outro é menor que no indireto. O autor ainda acrescenta que esse tipo de discurso integra elementos e matrizes que o outro deixa de lado e a análise, no discurso indireto, pode ser de conteúdo ou de expressão.

No entanto, acreditamos que a distinção entre um e outro estilo implica argumentatividade. No estilo direto, o locutor responsável pelo discurso (L1) não se compromete com o relato dos outros locutores apresentados em seu discurso, já que não assume a responsabilidade pelo enunciado dos outros locutores. Já no estilo indireto, L1 se compromete com os discursos dos outros locutores, porque torna seu o relato do outro, “incorporando as palavras alheias e deixando de sinalizá-las (com aspas ou travessão) como tal” (NASCIMENTO, 2005, p. 27). Logo, trata-se de uma questão de maior ou menor comprometimento, uma vez que no estilo direto há um distanciamento e no indireto, uma assimilação das palavras do outro.

Assim, é possível perceber o posicionamento de um locutor com relação a outros locutores e esse posicionamento é parte indispensável do sentido do enunciado. Para tal, é necessário considerar não só o estilo do discurso (direto ou indireto), como também a presença de outros elementos linguístico-discursivos, tais como as aspas de diferenciação, os verbos *dicendi*, o argumento por autoridade, dentre outros.

Além de apresentar o discurso de um locutor, no estilo direto, as aspas podem adquirir outras funções, inclusive permitir que o locutor responsável pelo discurso se distancie do que ele apresenta ou relata. Segundo Authier-Revuz (1988, p. 118), as palavras assinaladas por aspas estão marcadas como um discurso pertencente a outro, ou seja, através

das aspas, o locutor traz o discurso de um “outro” e introduz em seu próprio discurso, deixando claro que aquele relato entre aspas pertence a esse “outro”.

Authier-Revuz (1988) ainda acrescenta que no discurso científico, por exemplo, as aspas possuem funções distintas. Quando as palavras científicas estão entre aspas, o locutor deixa claro, ao seu leitor, que está utilizando palavras de especialistas. Por outro lado, quando as palavras correntes, da linguagem cotidiana, estão assinaladas, a intenção do locutor é mostrar que não está utilizando as palavras da ciência. No entanto, muito mais do que assinalar palavras cotidianas, essas aspas servem para que o locutor se distancie do que aparece relatado (NASCIMENTO, 2005).

O discurso relatado é comumente introduzido por verbos *dicendi*. Esses são elementos linguísticos que podem assumir, discursivamente, a função de modalizadores² (NASCIMENTO, 2005). De forma especial, os verbos *dicendi* exercem essa função, em simultaneidade com a polifonia de locutores.

Revisando as propostas de classificação de Travaglia (2003) e Neves (2000), bem como as considerações de Cervoni (1989), apresentamos um quadro mais sintetizado dos verbos *dicendi*, que pretende servir de parâmetro para descrição não somente de enunciações em primeira pessoa, mas também em terceira e classificando-os em dois grupos (NASCIMENTO, 2005).

Denominamos o primeiro grupo de verbos *dicendi* não modalizadores. Este

é constituído por aqueles verbos que, “por natureza, apresentam o discurso de um L2 sem deixar marcas ou avaliação do locutor que o apresenta (L1). Com esse tipo de verbo, L1 tende a manter-se afastado do discurso de L2” (p. 54). Como exemplos desse primeiro grupo, temos os verbos *dizer, falar, perguntar, responder, concluir* etc.

O segundo grupo, por nós denominado de verbos *dicendi* modalizadores, é formado por aqueles verbos “que além de apresentarem o discurso de um locutor (L2) assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso pelo locutor que o apresenta (L1)” (p. 55). São exemplos desse tipo os verbos *acusar, protestar, afirmar, declarar* etc.

Acrescentamos que estão sendo considerados como *dicendi* quaisquer verbos que sejam utilizados por um locutor (L1) para expor o relato de um outro locutor (L2), “independente de esses verbos serem utilizados em outros discursos ou situações, com outros objetivos” (NASCIMENTO, 2005, p. 56).

- b) *Polifonia de enunciadores* - a polifonia de enunciadores ocorre quando o locutor coloca no mesmo enunciado pontos de vista diferentes: “Os enunciadores são, portanto, esses pontos de vista que o locutor traz para o seu discurso” (NASCIMENTO, 2005, p. 62). Para Ducrot (1987), o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes.

Ao colocar em seu discurso esses enunciadores, o locutor assume variadas posições com relação a esses enunciadores, ora os aprovando, ora se assimilando a eles, ora se opondo a eles. No entanto, segundo Ducrot (1988), o mais importante é que a presença dos enunciadores está essencialmente relacionada com o sentido do enunciado.

Ducrot (1988) exemplifica como polifonia de enunciadores a pressuposição, o humor e a ironia, a negação, entre outros. Em cada um deles, o locutor assume posições distintas com relação aos enunciadores que atualiza.

Considerações sobre o gênero ata

Nesta investigação consideramos a ata como um gênero do discurso, tomando como parâmetro os estudos de Bakhtin (2000). Esse estudioso descreve os gêneros do discurso como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Para o autor, os gêneros do discurso são infinitos e heterogêneos, uma vez que dependem da intenção e dos fatos sociais. Bakhtin afirma que cada esfera da atividade humana “comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (2000, p. 279).

De acordo com Bakhtin (2000), os gêneros do discurso são classificados em dois grandes grupos: primários ou simples e secundários ou complexos.

Entenda-se por gêneros primários todos aqueles utilizados em situações do cotidiano. E os secundários, por sua vez, são aqueles que aparecem nas situações mais complexas e desenvolvidas da vida social.

Bakhtin (2000) ainda estabelece três critérios que necessitam ser examinados para poder identificar um gênero, que são o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

O conteúdo temático está relacionado ao conteúdo que comumente é objeto de cada gênero. No caso da ata, tal conteúdo pode conter os mais variados tipos de assuntos, como esclarecimentos, discussões, tomada de decisão, entre outros, comuns a reuniões e sessões. Segundo Bakhtin (2000), é nesse conteúdo temático que se poderá perceber a maneira como o autor trata o tema abordado: este pode ser apresentado de forma mais ou menos exaustiva. É ainda através desse tipo de critério que o intuito ou querer-dizer do locutor vai revelar as intenções de quem fala ou escreve e determina o todo do enunciado:³ sua amplitude, suas fronteiras.

Já com relação ao estilo, Bakhtin (2000) afirma que os gêneros podem refletir a individualidade de quem fala ou escreve. Entretanto, o autor revela que nem todos os gêneros são propícios ao estilo individual. Os gêneros formulaicos, entre os quais a ata está inserida, possuem uma forma padronizada, e, por isso, são menos favoráveis para refletir essa individualidade. Contudo, vale salientar que, mesmo nos gêneros conside-

rados menos favoráveis, existem marcas de individualidade deixadas pelo autor.

O estudioso ainda afirma que o estilo de um gênero pode ser reconhecido através da forma linguística e funcional, referindo-se à forma peculiar que cada gênero assume em cada esfera da atividade e da comunicação humana, na qual se torna relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. No caso da ata, é possível afirmar que a marca da polifonia é própria do estilo composicional desse gênero textual, assim como a presença de elementos modalizadores, conforme veremos na análise, mais adiante.

Quanto à construção composicional, as características mais comuns na estrutura do gênero ata, apontadas em diversos manuais de redação, são: título, data, local, convocação, prévia que determina a reunião, finalidade da reunião, ordem do dia, fecho e assinaturas.

Tratando especificamente da ata, podemos assinalar que é um tipo de documento de suma importância para as organizações, tanto na administração pública quanto na área privada. É usado como um meio de comunicação altamente formal, cuja finalidade é relatar os assuntos mais relevantes tratados em uma reunião, assembleia ou convenção. Daí as suas várias espécies: ata de assembleia geral extraordinária, de assembleia geral ordinária etc. A ata é, portanto, um relatório “pormenorizado” de tudo o que se passou em uma reunião, assembleia ou convenção.

De acordo com Sabino (2004), a ata deve ser um texto compacto, a transcrição pode ser feita à mão ou digitada e impressa. A ata de uma reunião será lida e aprovada na reunião seguinte, afirma a autora.

De acordo com os manuais de redação, as partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões cujos eventos se registram. Entretanto, as mais importantes e que mais frequentemente aparecem são as seguintes: título, local e data, finalidade da reunião, ordem do dia, fecho e assinaturas. Uma de suas particularidades é que a ata deve ser assinada em alguns casos pelos participantes da reunião, e sempre, pelo presidente ou secretário, como afirma Medeiros (2006).

A polifonia no gênero ata

A pesquisa aqui descrita é de natureza descritiva, na qual foram identificadas e descritas as marcas polifônicas, especialmente a polifonia de locutores, funcionando como estratégias argumentativas, no gênero em estudo. Como assinalamos na introdução, o *corpus* que compõe a investigação foi coletado em instituições públicas e privadas ou, ainda, na internet. Inicialmente, das atas que compõem o nosso *corpus*, separamos e analisamos dez escritas cujos locutores se apresentam como participantes da reunião, ou seja, que não desempenham a função de secretário. Em seguida, separamos e analisamos dez atas cujos locutores denominam-se secretários. Logo

no início das investigações percebemos a ocorrência marcante da polifonia de locutores presentes em todas as atas e, por essa razão, detivemo-nos nesse tipo de polifonia.

O próximo passo foi identificar a presença dos diferentes tipos de locutores presentes no discurso, analisando o posicionamento do locutor responsável pelo discurso (L1), aquele que se apresenta como responsável pela ata, com relação aos outros locutores (relatos) presentes no texto. Em seguida, identificamos as estratégias de engajamento e as estratégias de distanciamento.

Nas referidas atas foram pesquisados também os diferentes tipos de modalização (epistêmica, deontica, avaliativa), quando realizados através de verbos *dicendi*, e que imprimem diferentes efeitos de sentido nos textos. Vale ressaltar que foram analisadas atas completas, mas só serão mostrados trechos de cada uma delas.

Nas atas cujos locutores se apresentaram como membros da reunião houve uma ocorrência de 115 trechos com polifonia de locutores em estilo direto ou indireto e mais cinco ocorrências com aspas de diferenciação. Nas atas cujos locutores se apresentaram como secretários houve uma ocorrência de 152 trechos com polifonia de locutores em estilo direto ou indireto e mais duas ocorrências com aspas de diferenciação.

A seguir seguem as análises das atas. As ocorrências foram agrupadas de acordo com o tipo de estratégia argumentativa presente nos trechos. Para cada estratégia descrevemos abaixo um

trecho, identificando o efeito de sentido: engajamento, distanciamento ou avaliação.

As estratégias catalogadas foram as seguintes:

- estilo direto com verbo *dicendi* não modalizador ou sem verbo *dicendi*;
- estilo direto com verbo *dicendi* modalizador;
- estilo indireto com verbo *dicendi* não modalizador, sem verbo *dicendi* ou outros elementos não modalizadores;
- estilo indireto com verbo *dicendi* modalizador;
- aspas de diferenciação.

Passemos às análises das atas, observando a seguinte legenda:

	Discurso de L1
	Discurso de L2
	Verbos <i>dicendi</i>

1 Estilo direto com verbo *dicendi* não modalizador ou sem verbo *dicendi*

Trecho 1 (ATA 14)

[...] “esse é o espírito da cobrança”, **disse** o secretário.

Nesse trecho, percebemos dois locutores distintos L1 (o locutor responsável pelo enunciado) e L2 (o secretário José Carlos), assinalado pelas aspas que assinalam o estilo direto, utilizado para assinalar o discurso de L2, ou seja, para indicar a mudança de locutores. Temos, portanto, um relato no estilo direto, em

que se percebe o distanciamento de L1 com relação ao discurso de L2, em outras palavras, L1 não se compromete com o que L2 enuncia.

2 Estilo direto com verbo *dicendi* modalizador

Modalização avaliativa

Trecho 2 (ATA 14)

“No caso da bacia do Paraíba do Sul, houve uma gestão exitosa através do CEIVAP e da AGEVAP, que nos permite estar aqui hoje distribuindo dinheiro para as prefeituras investirem na recuperação e conservação dos rios mineiros”, **avaliou** o secretário.

Nesse trecho da ata 14, percebe-se a presença de dois locutores: o primeiro (L1) é o responsável por todo o enunciado, que está na terceira pessoa, e o segundo (L2) é o secretário José Carlos, que é responsável por tudo que aparece escrito entre as aspas.

L1 introduz o relato do segundo locutor (José Carlos) no estilo direto, entre aspas, com a presença de verbo *dicendi*. Ao usar o estilo direto, L1 distancia-se do discurso de L2, não se comprometendo com o relato desse segundo locutor. Entretanto, ao utilizar o verbo *dicendi* “avaliar”, L1 deixa registrado em seu discurso como o relato de L2 deve ser lido, imprimindo um ponto de vista e uma avaliação do discurso do segundo locutor.

Percebe-se, portanto, como um locutor vai se posicionando com relação ao discurso do outro e que, dessa forma, vai se construindo a trama argumentativa através da polifonia.

- 3 Estilo indireto com verbo *dicendi* não modalizador, sem verbo *dicendi* ou outros elementos não modalizadores

Trecho 3 (ATA 03)

Glória **relatou** que no Maciço do Morro da Cruz há uma demanda muito grande e que se dispõe a fazer parceria com as comunidades compreendidas pelo Projeto, programando e participando das atividades.

Ao observar o trecho, notamos a presença de dois locutores distintos: o primeiro (L1) – responsável por todo o texto e o segundo (L2 - Glória) – responsável pelo trecho que vem após o verbo “relatar”. Observamos que L1 introduz a fala do segundo locutor (Glória) na forma de estilo indireto, introduzido pelo verbo “relatar”, não modalizador. A presença do estilo indireto, sem verbo modalizador, revela uma assimilação do primeiro locutor com relação ao discurso do segundo locutor.

- 4 Estilo indireto com verbo *dicendi* modalizador

Modalização avaliativa

Trecho 4 (ATA 15)

O conselheiro Erasmo **salientou** que os ótimos resultados da avaliação mostram a consistência do CEFET-RN e disse esperar que os indicadores venham a crescer a cada ano.

No trecho observamos a presença de dois locutores distintos: o primeiro (L1) – responsável por todo o enunciado

que está na terceira pessoa. O segundo (L2) – conselheiro Erasmo, responsável por todo o trecho que vem após o verbo “salientar”. Notamos que L1 introduz o relato de L2 e através do verbo “salientar”, que é um modalizador avaliativo, traz o relato em seguida, agregando-o ao seu próprio discurso. Constitui-se, assim, em um estilo indireto.

Ao fazer uso desse estilo, L1 assimila o discurso de L2, comprometendo-se com o dito. Ao utilizar o verbo “salientar”, L1 deixa registrado em seu discurso como o relato de L2 deve ser lido, imprimindo um ponto de vista e uma avaliação do discurso do segundo locutor.

Modalização epistêmica quase-asseverativa

Trecho 5 (ATA 11)

A profa. Rita **sugere** que programe uma reunião para discutir somente sobre o sistema de aulas, para que se encontre a realidade da UNIFEI entre docentes e discentes.

O relato está no estilo indireto. Observa-se que L1 – o locutor responsável pela ata – apresenta L2, a professora Rita, e através do verbo “sugerir” traz o relato – programe uma reunião para discutir somente sobre o sistema de aulas, para que se encontre a realidade da Unifei entre docentes e discentes – incorporando-o ao seu próprio discurso.

L1 introduz o relato de L2 através do verbo “sugerir”, modalizador epistêmico quase-asseverativo, que apresenta o con-

teúdo da proposição como algo possível, ou quase-certo. Essa estratégia permite um não comprometimento do locutor primeiro, uma vez que, ao apresentar o discurso de um segundo locutor como sinônimo de “sugestão”, ele se isenta de responsabilidade sobre a verdade da proposição. Embora o relato esteja na forma de estilo indireto, o uso do modalizador quase-asseverativo é tão forte que distancia L1 do discurso de L2.

Modalização epistêmica asseverativa

Trecho 6 (ATA 04)

A Subsecretária Anna Saiter **afirmou** que o Conselho tem que discutir questões pertinentes à sua natureza, e que para questões operacionais foi criada a Subsecretaria de Patrimônio, para absorver demandas do Executivo como consertar um telhado, por exemplo, para certas demandas que possam prescindir de consulta ao Conselho.

Nesse trecho da ata percebe-se a presença de dois locutores distintos: o primeiro (L1) é o responsável por todo o enunciado, que está na terceira pessoa. O segundo (L2) é Anna Saiter, que é responsável pelo relato que aparece após o verbo “afirmar”. L1 introduz o discurso de L2 (Anna) na forma de estilo indireto, introduzido pelo verbo “afirmar”. A presença do estilo indireto revela um engajamento de L1 com relação ao discurso de L2. Esse engajamento ou assimilação é reforçado pela presença do

verbo “afirmar”: modalizador epistêmico asseverativo, uma vez que afirmar é sinônimo de dizer com certeza.

5. Aspas de diferenciação

Trecho 7 (ATA 14)

A Presidente manifestou a satisfação da diretoria do CEIVAP por realizar mais uma reunião do Comitê em Juiz de Fora, cidade que, conforme ela se expressou, **“sempre nos recebe muito bem”** e onde as reuniões do CEIVAP acontecem com intensa mobilização.

Nesse trecho da ata se observa a presença de dois locutores, L1 (o escritor responsável pelo discurso) e L2 (a presidente da Ceivap) responsável pelo trecho: cidade que [...] “sempre nos recebe muito bem” e onde as reuniões do Ceivap acontecem com intensa mobilização. O relato aparece no estilo indireto, a mudança de L1 não é marcada pelo uso dos dois pontos ou do travessão.

A presença do estilo indireto, *a priori*, marca uma assimilação por parte de L1. No entanto, a reprodução de parte do discurso de L2 entre aspas, logo em seguida assinala um não comprometimento e o distanciamento de L1 com o dito do outro locutor. De acordo com Nascimento (2009), as aspas de diferenciação servem para que o locutor se distancie do que aparece relatado.

Resultados obtidos a respeito da polifonia na ata

A argumentação é um processo que, por meio da linguagem, tem por finalidade defender o ponto de vista do locutor e persuadir o interlocutor. Em geral, quem fala ou toma a palavra não tem a intenção apenas de comunicar alguma coisa, mas conduzir o interlocutor a aceitar determinados posicionamentos.

Os estudos sobre a polifonia explicam como o locutor responsável pelo texto registra em seu discurso diversos pontos de vista, posicionamentos e decisões. Por meio das análises feitas no *corpus* investigado, identificamos a presença de diferentes tipos de locutores presentes no discurso e analisamos o posicionamento do locutor responsável pelo discurso (L1), aquele que se apresenta como responsável pela ata, com relação aos outros locutores presentes no texto; visualizamos as estratégias de engajamento e as estratégias de distanciamento.

Por estratégias de engajamento, entendam-se aquelas que denunciam um posicionamento de assimilação (concordância) de um locutor com relação ao discurso de um outro locutor. Entre essas estratégias, Nascimento (2005) inclui o

estilo indireto, introduzido por verbo não modalizador, e em algumas situações, o discurso indireto introduzido por verbo *dicendi* modalizador.

Por estratégias de não engajamento, ou distanciamento, entendam-se aquelas em que o locutor responsável pelo discurso se distancia do discurso dos outros locutores, não assumindo a responsabilidade pelo dito. Nesses casos, segundo Nascimento (2005), estão o estilo direto introduzido por verbos *dicendi* modalizadores ou não, as aspas de diferenciação, entre outras estratégias.

Na presente pesquisa, comprovamos a predominância da polifonia de locutores como o tipo mais comum de polifonia no texto das atas, dada a própria natureza da produção desse gênero textual.

O que nos chamou a atenção na análise do *corpus* foi que o estilo indireto apresentou maior ocorrência no gênero investigado. Das vinte atas analisadas, todas estão predominantemente no estilo indireto, correspondendo a 139 ocorrências, e em apenas duas ocorrem trechos no estilo direto.

O Quadro 1 sumariza os dados apresentados a respeito da ocorrência dos estilos diretos e indiretos no *corpus*:

Polifonia	Ocorrência	Porcentagem
Estilo indireto com verbo modalizador	123	48,43
Estilo indireto sem verbo modalizador	115	45,27
Estilo direto sem verbo modalizador	15	5,91
Estilo direto com verbo modalizador	01	0,39
Total	254	100

Quadro 1 - Estilo direto e indireto no *corpus*

Pelos dados do quadro, observa-se que o estilo indireto, tanto com verbo modalizador (48,43%) quanto sem verbo modalizador (45,27%), foi o que apresentou maior ocorrência: 93,7% do total de ocorrências. Ao utilizar esse estilo, o locutor se apresenta com uma responsabilidade maior perante o relato do outro, uma vez que, ao fazer uso do discurso de L2, na forma de estilo indireto, L1 revela um engajamento com relação ao discurso de L2. A presença do estilo indireto revela, portanto, uma assimilação do primeiro locutor com relação ao discurso do segundo locutor.

Já com relação ao estilo direto, a ocorrência total foi de apenas 6,3% (sendo 5,91 sem verbo modalizador e 0,39 com verbo modalizador). Ao utilizar esse estilo, o falante expressa uma responsabilidade menor perante o discurso do outro. Em outras palavras, ao introduzir

o discurso de um L2 através do estilo direto, L1 mantém-se afastado do discurso daquele locutor, ou seja, L1 distancia-se do discurso de L2, não se comprometendo com o relato desse segundo locutor.

A seguir sintetizamos as ocorrências das estratégias de engajamento e de distanciamento diferenciando as atas cujos locutores se apresentaram como secretários e nas atas cujos locutores identificaram-se como membros das reuniões.

1. Atas cujos locutores se apresentam como secretários

O Quadro 2 sumariza as estratégias de engajamento e as estratégias de distanciamento nas atas cujos locutores se apresentam como secretários.

Estratégias presentes no <i>corpus</i>		Quantidade de ocorrências
Distanciamento	Estilo direto sem verbo modalizador	01
	Estilo direto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	01
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador epistêmico quase-asseverativo	15
	Aspas de diferenciação	02
Engajamento	Estilo indireto sem verbo <i>dicendi</i> modalizador	68
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador asseverativo	14
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	41

Quadro 2 - Estratégias argumentativas em atas cujos locutores se apresentam como secretários

Conforme se vê no quadro, nas atas cujos locutores se apresentam como secretário, predominam as estratégias de engajamento (123 de engajamento e 19 de distanciamento).

Com relação aos verbos *dicendi*, esses apareceram tanto no estilo indireto como direto: observamos que os verbos *dicendi* não modalizadores, ou de primeiro grupo, apresentaram menor ocorrência,

visualizamos 68 casos. Ao utilizar esse tipo de verbo, o locutor responsável pelo discurso apenas apresenta o discurso de L2, sem deixar marcas ou avaliação do locutor que o apresenta (L1).

Já os verbos *dicendi* modalizadores, ou de segundo grupo, apresentaram uma maior ocorrência, setenta casos. Nas atas analisadas, esses verbos apareceram com mais frequência através de verbos como “destacar”, “sugerir”, “informar” etc. Estes tipos de verbos, além de apresentarem o discurso de um locutor (L2), assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso pelo locutor que o apresenta (L1). Os verbos *dicendi* modalizadores, segundo Nascimento (2005), podem ser tanto epistêmicos como avaliativos. Como epistêmicos, veiculam um grau de certeza sobre o enunciado de L2, por parte de L1; com os avaliativos, L1 emite um juízo de valor a respeito do enunciado do outro locutor, indicando como esse deve ser lido.

Ainda, com relação aos verbos *dicendi* modalizadores, percebemos que, quando esses são do tipo epistêmico

quase-asseverativo e ocorrem concomitantemente com o estilo indireto, o caráter de assimilação do estilo indireto é anulado pelo verbo *dicendi*. Em outras palavras, a imagem polifônica que se cria é o distanciamento de L1 com relação ao discurso de L2. Já quando é asseverativo, o verbo confirma o grau de engajamento gerado pelo estilo indireto.

Outro fenômeno que apareceu nas análises, também como marca de polifonia de locutores, foram as aspas de diferenciação, duas ocorrências no total. Essas aspas normalmente são utilizadas pelo falante para assinalar a voz de outro locutor ou se distanciar do dito. Segundo Authier-Révuz (1998), ainda são utilizadas para marcar um discurso pertencente a outro.

2. Atas cujos locutores se apresentam como membros da reunião

O Quadro 3 sumariza as estratégias de engajamento e as estratégias de distanciamento em atas cujos locutores se identificaram como membros da reunião.

Estratégias presentes no <i>corpus</i>		Quantidade de ocorrências
Distanciamento	Estilo direto sem verbo modalizador	14
	Estilo direto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	13
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador epistêmico quase-asseverativo	17
	Aspas de diferenciação	05
Engajamento	Estilo indireto sem verbo <i>dicendi</i> modalizador	48
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador asseverativo	06
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	18

Quadro 3 - Estratégias argumentativas em atas cujos locutores se apresentam como membros da reunião

Analisando os dados dos quadros 2 e 3, concluímos que tanto nas investigações das atas produzidas por locutores que se apresentam como secretários, como nas investigações das atas produzidas por locutores que se apresentam como membros das reuniões, ou seja, por pessoas que não exercem a função de secretário, as estratégias de engajamento em ambos os casos foram as que tiveram uma maior ocorrência, ocorreram 195 casos no geral (123 nas atas com locutores secretários e 72 nas atas com locutores não secretários). Já as estratégias de distanciamento apareceram com menor frequência, 68 casos no total (49 em atas produzidas por não secretários e 19 em atas produzidas por secretários).

Convém ainda ressaltar que nas atas produzidas por locutores não secretários, no terceiro quadro, as estratégias de distanciamento apareceram com maior ocorrência (49 casos): o locutor fez uso do estilo indireto com verbo epistêmico quase-asseverativo e estilo direto assinado pelo travessão (–), pelas aspas de diferenciação etc. Nas atas produzidas por locutores secretários, no segundo quadro, essas mesmas estratégias apareceram apenas em 19 casos. Essas estratégias mostram que o locutor responsável pelo discurso se distancia do discurso dos outros locutores, sem assumir responsabilidade pelo dito. E isso parece ser mais frequente quando o locutor responsável pelo discurso é um membro da reunião ou sessão que está sendo relatada na ata.

Nas atas produzidas por não secretários, com relação aos verbos *dicendi*, estes ocorreram tanto no estilo indireto como no estilo direto. Observamos que os verbos *dicendi* não modalizadores, ou de primeiro grupo, foram os que apresentaram maior ocorrência: visualizamos 61 casos. Ao utilizar esse tipo de verbo, o locutor responsável pelo discurso apenas apresenta o de L2, sem deixar marcas ou avaliação do locutor que o apresenta (L1).

Já com os verbos *dicendi* modalizadores, ou de segundo grupo, ocorreram 54 casos nas atas produzidas por não secretários. Nessas atas, esses modalizadores apareceram com mais frequência através de verbos como “destacar” etc., classificados por avaliativos. Estes tipos de verbo, além de apresentar o discurso de um locutor (L2), assinalam uma avaliação ou julgamento pessoal, excetuando-se qualquer caráter epistêmico ou deontico (NASCIMENTO, 2005).

Também foi identificada a ocorrência de verbos *dicendi* modalizadores epistêmicos nas atas produzidas por não secretários. Percebeu-se que, quando os verbos *dicendi* modalizadores são epistêmicos quase-asseverativos e ocorrem concomitantemente com o estilo indireto, o caráter de assimilação do estilo indireto é anulado pelo verbo *dicendi*. Em outras palavras, a imagem polifônica que se cria é o distanciamento de L1 com relação ao discurso de L2. Já quando é asseverativo, o verbo confirma o grau de engajamento gerado pelo estilo indireto.

Outro fenômeno que apareceu nas análises das atas produzidas por não secretários, interligado na polifonia de locutores, foi o das aspas de diferenciação: 5 no total. Foram utilizadas por L1 para assinalar a voz de outro locutor e, ao mesmo tempo, se distanciar do dito.

Ainda no que se refere às estratégias polifônicas de distanciamento, observa-se na ata tanto a utilização do estilo indireto com verbo *dicendi* modalizador epistêmico quase-asseverativo ou com aspas de diferenciação como o estilo direto. No entanto, o estilo direto foi mais utilizado por locutores não secretários e o estilo indireto com verbo *dicendi* modalizador epistêmico quase-asseverativo por locutores secretários.

Conclusões

Pelas investigações das atas, tanto nas produzidas por secretários como nas produzidas por membros da reunião, observamos que o locutor responsável pelo discurso faz uso de diversas estratégias argumentativas para direcionar sua intenção de como ele quer que seu texto seja lido.

Com isso, o que podemos concluir das análises realizadas a respeito da ata é que a polifonia é uma estratégia argumentativa presente no gênero, permitindo ao locutor responsável pelo enunciado emitir julgamentos e se posicionar com relação ao discurso de outros locutores presentes no texto.

Com relação aos verbos *dicendi*, a conclusão mais relevante é que não são

apenas meros introdutores de discurso ou relato. Além dessa função, são portadores de sentido e podem indicar o modo como esse discurso ou relato deve ser lido.

O que mais chama a atenção ao término da investigação do nosso *corpus* é a presença de diversas estratégias de engajamento. Essas estratégias foram marcantes em todas as atas: estas foram escritas no estilo indireto, introduzido por verbo não modalizador e, em determinadas situações, por verbo *dicendi* modalizador. Essas denunciam, por conseguinte, o posicionamento de assimilação (concordância) de um locutor (L1) com relação ao discurso de um outro locutor (L2). Já com relação às estratégias de distanciamento, em menor ocorrência no *corpus*, estas se materializaram principalmente através do estilo indireto introduzido por um modalizador epistêmico quase-asseverativo. Através do uso do quase-asseverativo, o locutor responsável pelo discurso se distancia do discurso dos outros locutores, sem assumir responsabilidade pelo dito. Para Nascimento (2005), o verbo epistêmico quase-asseverativo tem um efeito de sentido suficientemente eficaz, a ponto de anular o caráter de assimilação que gera o estilo indireto.

Essas estratégias assinaladas mostram que tanto nos resultados obtidos em análises em atas produzidas por secretários como em atas produzidas por membros das reuniões, a estratégia que mais predomina é a de engajamento: 195 casos no total, uma vez que as atas estão

escritas predominantemente no estilo indireto tanto com verbo modalizador como sem. O Quadro 4 sumariza os dados

das duas investigações, confirmando a preponderância das estratégias de engajamento com relação às estratégias de distanciamento.

Estratégias presentes nos dois <i>corpora</i>		Quantidade de ocorrências
Distanciamento	Estilo direto sem verbo modalizador	15
	Estilo direto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	14
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador epistêmico quase-asseverativo	32
	Aspas de diferenciação	07
Engajamento	Estilo indireto sem verbo <i>dicendi</i> modalizador	116
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador asseverativo	20
	Estilo indireto com verbo <i>dicendi</i> modalizador avaliativo	59

Quadro 4 - Estratégias de engajamento e distanciamento em todo o *corpus*

Ao término de nossa investigação, também verificamos que as características polifônicas utilizadas pelos escritores responsáveis pelas atas (secretários ou não) são praticamente as mesmas, ou seja, não há grande diferenciação. Em ambos os casos encontramos as mesmas estratégias de engajamento e de distanciamento, muito embora ocorram pequenas variações na frequência das estratégias encontradas em um conjunto de textos e no outro (nas estratégias de distanciamento, o estilo direto predominou nas atas produzidas por não secretários e o estilo indireto com verbo *dicendi* modalizador epistêmico quase-asseverativo predominou nas atas produzidas por secretários).

Acrescentamos que não foram analisados casos de polifonia de enunciadores, nem marcas de operadores argumentativos, até mesmo pela pequena ocorrên-

cia dessas estratégias. Por isso, o foco da investigação foi direcionado para a ocorrência e funcionamento da polifonia de locutores.

Por fim, reiteramos nossa afirmação de que a investigação permitiu-nos concluir, a partir do *corpus* analisado, que a polifonia de locutores é característica semântico-argumentativa do gênero ata, funcionando como estratégia argumentativa, uma vez que permite ao locutor responsável pela ata, seja ele apresentado como secretário ou não, posicionar-se com relação ao discurso (relatos) dos outros locutores presentes no texto, indicando, inclusive, como esses relatos devem ser lidos.

Polyphony of locutor on minute genre: a semantic-argumentative strategy

Abstract

The present work shows some results from a research which aims to describe and to explain the phenomenon of polyphony in minute genre. In this article, we show the analysis of 20 minutes, 10 correspond to the texts produced by members of the object section of reporting and the others are the locutors that are presented as secretaries. We used the Theory of Argumentation on Language, especially the studies about polyphony, as proposed by Ducrot (1988) and Nascimento (2009), among others. The research is descriptive in nature, although we quantified the most frequently strategies. We perceived the predominance of locutor polyphony as the more common type in the genre which we are studying. The locutor polyphony, presented in the texts, allowed us to see how the locutor is responsible for the text that he will introduce the report of the other locutors and how he can position himself in relation to what is being reported, he either engages with the speech of the other locutors or he moves away.

Keywords: Argumentation. Minute. Polyphony.

Notas

- ¹ Tal investigação conta com a participação da bolsista de Iniciação Científica Priscila Rafaela dos Santos Oliveira (IC- Balcão CNPq).
- ² Os modalizadores são os elementos linguísticos que ativam a modalização no discurso. Por modalização, entende-se o fenômeno através do qual um locutor avalia o conteúdo da sua proposição, expressando um julgamento sobre o teor de verdade, obrigatoriedade ou um ponto de vista a respeito do conteúdo do enunciado. Esse julgamento é sempre em função da interlocução, uma vez que ao modalizar, o locutor deixa pistas do que deseja ou de como quer que seu discurso seja lido (NASCIMENTO, 2009, p. 1376).
- ³ Em Bakhtin, o termo “enunciado” se refere ao que comumente chamamos de “texto”, um todo comunicativo.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. [1895-1975]. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002a. Tradução de Problémipoétiki Dostoiévskovo. [2ª edição: 1997].
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de M. E. G. Gomes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1979].
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. v. II: Níveis de análise linguística. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Rev.téc. da trad. Eduardo Guimarães. Campinas - SP: Pontes, 1987.

_____. *Polifonia y argumentación: conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A interação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MEDEIROS, J. B. *Correspondência: técnicas de comunicação criativa*. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

NASCIMENTO, E. P. do. *Jogando com as vozes do outro: a polifonia – recurso modalizador na notícia jornalística*. Tese (Doutorado) - UFPB, João Pessoa, 2005.

_____. A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VI. *Anais...* João Pessoa: Idéia, 2009. p. 1369-1376.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

SABINO, R. F.; ROCHA, F. G. *Secretariado: do escriba ao webwriter*. Rio de Janeiro: Brasport, 2004

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.